

## 2. AS PASTORAIS – DEBATE E EXAME LITERÁRIO

A proposta deste capítulo é ser propedêutica ao debate sobre a autenticidade paulina das Pastorais e elaborar uma breve proposição desta dissertação sobre o tema, pois se as Cartas Pastorais não são de Paulo o raciocínio teológico da perícope (2Tm 3,14-17), objetiva e obviamente, também não é; ao contrário, se Paulo é o autor das Pastorais, a expressão *ἱερὰ γράμματα* carrega uma carga teológica do pensamento do Apóstolo dos gentios. Uma ou outra posição deve influenciar no resultado da análise.

A lista clássica dos que não professam as Pastorais como tipicamente paulinas: G. M. Schmidt, 1804 F. Schleiermacher, 1807; J. G. Eichorn, 1812, teoriza que um discípulo de Paulo as escreveu; F. C. Baur, 1835; J. Holtzmann, 1880, cuja base da negação é de análise lingüística-lexicográfica; H. Harnack, 1897; H. Von Soden, 1893; M. Dibelius, 1931; E. Scott, 1936; P. N. Harrison, 1921; R. Bultmann 1930; A. Schweizer, 1962; C. K. Barret, 1963; W. G. Kümmel, 1966; K. H. Schelkle, 1965; N. Brox, 1969; O. Kuss, 1971.<sup>30</sup>

A lista oposta dos que julgam não encontrar razão suficiente para negar a autoria paulina das Pastorais: Th. Zahor (1906), James (1906), Ramsey (1906), Schallerer (1958), M. O'Connor (1996),<sup>31</sup> James D. G. Dunn (1998) cita as Pastorais como sendo do próprio Paulo.<sup>32</sup> Há quem busque novos fundamentos para elaborar uma decisão sobre a autoria como Margareth M. Mitchel (2002).<sup>33</sup> Os argumentos, a favor ou contra, serão observados à frente.

Como as hipóteses da autoria das Pastorais pertencem à teologia bíblica e/ou exegese, e estas já fizeram um numeroso trabalho sobre o tema, mas não absoluto, cabe, neste começo, apenas tomar partido por uma ou outra hipótese com algum embasamento plausível.

---

<sup>30</sup> Cf. FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 216, nota 8; MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, p. 201; VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 246.

<sup>31</sup> Cf. MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, p. 201; MAZZAROLO, I. *Paulo de Tarso – Tópicos de Antropologia Bíblica*, p. 161.

<sup>32</sup> Cf. DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 56, nota 3; p. 61, notas 17 e 18, etc..

<sup>33</sup> MITCHELL, M. M. *PTEBT 703 and The Genre of 1Timothy: The Curious Career of Aptomaeic Papyrus in Pauline Scholarship*.

## 2.1. EPISTOLÁRIO COMO GÊNERO E SUA CLASSIFICAÇÃO

A Bíblia carrega em seu bojo vários gêneros literários, entre eles a carta e/ou epístola.<sup>34</sup> Esta forma no Novo Testamento soma ao todo 21 escritos que, didaticamente e sem entrar no mérito da autoria de cada um, podem ser divididos em dois grupos, por ordem canônica de sucessão: a) *Corpus Paulinum*, e dentro dele as Cartas Pastorais;<sup>35</sup> b) e as Cartas Católicas.<sup>36</sup> Ao primeiro grupo pertenceriam as cartas escritas pelo apóstolo Paulo, em geral dirigidas a uma comunidade cristã ou um líder específico de determinada comunidade; o segundo conjunto leva o nome de “católicas” no sentido etimológico, são universais, destinavam-se a uma circulação mais abrangente.<sup>37</sup>

A perícopes (2Tm 3,14-17), pertence ao primeiro grupo, denominadas no séc. XVIII de Epístolas Pastorais:<sup>38</sup> 1Timóteo, Tito e 2Timóteo.<sup>39</sup> Estes documen-

---

<sup>34</sup> Vielhauer considera acertada a distinção feita por A. Deissmann: as cartas são, por assim dizer, de cunho pessoal, enquanto as epístolas servem à confecção de um tratado; objetivamente: a carta é dirigida a um indivíduo e a epístola é dirigida à comunidade (cf. VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 88; MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*, p. 284-285). Em nosso trabalho não faremos distinção.

<sup>35</sup> A título de referência colocamos aqui uma graduação do epistolário paulino: a) *autenticamente paulinas*: Romanos, 1/2Coríntios, Gálatas, Filipenses e 1Tessalonicenses b) *provavelmente paulinas*: 2Tessalonicenses e Filemom; c) *dúvidas*: Efésios e Colossenses; d) *elevado grau de dúvida*: Tito e 1/2Timóteo – comumente denominadas deutero-paulinas; d) *não paulina*: Hebreus (cf. GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*, pp. 290-291; MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, p. 153, este último sugere a possibilidade de Efésios e Colossenses ser do evangelista Lucas). Esta graduação pode variar entre os pesquisadores.

<sup>36</sup> As *epístolas católicas* são: Tiago, 1/2 Pedro, Judas, e, tradicionalmente, as três de João (cf. LEON-DUFOUR, X. (Org.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*, p. xxvi). Essas cartas são também denominadas “apostólicas” (cf. SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G., *Forma e Exigências do Novo Testamento*, p. 55).

<sup>37</sup> Para esta distinção em blocos cf. DOUGLAS, J. D. (Org.), *O Novo Dicionário da Bíblia*, p. 419; SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G., *Forma e Exigências do Novo Testamento*, pp. 49-62; VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, pp. 92-97; MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, pp. 153, 201.

<sup>38</sup> Essa denominação é moderna e vem de Paul Anton, 1753/55. (cf. FABRIS, R. *Para Ler Paulo*, p. 114; PIXLEY, J. *As Epístolas Paulinas: Cartas Ocasioneis a Sagrada Escritura*, p. 258). No entanto, há dados demonstrando um tempo e um autor anterior: D. N. Berdot, em 1703, intitula de “pastoral” a epístola a Tito (FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 211, n. 2). Em Hanson esta data cai para o séc. XIII com Tomás de Aquino: “described I Timothy as ‘a pastoral text book’ – descreveu 1Tm como um livro de texto pastoral” (HANSON, A. T. *The Pastoral Letters*, p. 1). Outra terminologia adotada e pouco convencional é cartas “católicas”, assim rotuladas por ensejar um “protocatolicismo” (cf. BERGANT, D. KARRIS, J. R. (Org.), *Comentário Bíblico*, v. 3, p. 283; VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 265; FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 212).

<sup>39</sup> Em ordem cronológica, pressuposto (cf. VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 250).

tos se caracterizam como “pastorais” por conterem instruções práticas aos seus pastores, ou seja, à liderança das comunidades.<sup>40</sup>

## 2.2. DEBATE EM TORNO DA AUTORIA DAS PASTORAIS

O debate sobre as Epístolas Pastorais tem início no ambiente acadêmico do século XIX que, estimulado com a pesquisa histórico-crítica, questiona a autenticidade paulina das mesmas, conferindo-lhes a alcunha de pseudepigráficas ou deutero-paulinas. Dois exemplos: primeiro com Schleiermacher (1807), contestando a autoria paulina de 1Timóteo; depois com Holtzmann (1880), ampliando a 2Timóteo e Tito.<sup>41</sup> Estes afirmam, com um ou outro argumento, que esses escritos não tocam no mesmo ritmo literário do chamado *Corpus Paulinum*.<sup>42</sup> Num tipo de “docetismo autoral” causam o seguinte efeito: parece ser obra de Paulo, mas não é; ou são escritos do Apóstolo, mas não parecem; isto ocasiona aos pesquisadores moderados apenas dúvida,<sup>43</sup> enquanto aos radicais uma negação.<sup>44</sup> As hipóteses contra ou a favor da autoria paulina, mesmo sendo controvertidas e inconcludentes, não devem passar ao largo.

### 2.2.1. Hipóteses Contra a Autoria Paulina

Os contrários ao autógrafo de Paulo apontam para algumas das distinções entres as Epístolas Pastorais e as cartas consideradas genuinamente paulinas:

---

<sup>40</sup> Cf. PIXLEY, J. *As Epístolas Paulinas: Cartas Ocasionalis a Sagrada Escritura*, p. 258. “Além dessa moldura externa comum [dirigidas a chefes da comunidade] as três cartas convergem também por uma relevante homogeneidade de vocabulário, estilo e orientação teológica e espiritual” (FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 211). Cf. N. Brox, in SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G., *Forma e Exigências do Novo Testamento*, pp. 155-156.

<sup>41</sup> Cf. VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 247; FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 216; FABRIS, R. *Para Ler Paulo*, p. 114.

<sup>42</sup> Na opinião de Drane as “diferenças são tão grandes que muitos exegetas dizem hoje que essas três cartas não podem ter sido escritas pelo próprio Paulo” (DRANE, J. *Paulo – Um Documento Ilustrado Sobre a Vida e os Escritos de uma Figura Chave*, p. 119).

<sup>43</sup> “Em estudos mais recentes e aprofundando a relação dos escritos com a história, os estudiosos do assunto admitem, sem restrição, como autenticamente paulinas, seis delas, cinco dentre as chamadas cartas missionárias [Rm; 1 e 2 Cor; Gl; 1 e 2 Ts], mais Filipenses. As outras apresentam traços de proximidade com outros escritos que podem ser de discípulos de Paulo ou mesmo de Lucas. Sua autenticidade não é negada, mas discutida” (MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, p. 153).

<sup>44</sup> Cf. infra 2.2.3., segundo item, p. 26.

a) *O vocabulário e o estilo*: as cartas Pastorais são constituídas de novecentas e uma palavras, mais de um terço (306) não constam nas epístolas atribuídas ao Apóstolo.<sup>45</sup>

b) *O problema histórico comparativo*: Confrontando os dados das Pastorais com Atos dos Apóstolos e escritos acertadamente paulinos, supõem-se uma atividade missionária posterior ao primeiro encarceramento romano (61-63) seguida de nova prisão, mais ou menos em 67. Os contrários à autoria divergem de tal possibilidade missionária devido ao longo itinerário (Éfeso-Colossas-Creta-Macedônia),<sup>46</sup> aos precários meios de transporte, o curto prazo de quatro anos (63-67) e ao peso da idade de Paulo.<sup>47</sup>

c) *A questão teológica*: As diferenças vão da linguagem à forma utilizada, por exemplo: temas caros a Paulo como o *kerigma* e a fé são apenas aludidos, enquanto os “ensinamentos das epístolas Pastorais são primariamente éticos, muito semelhantes ao estilo de ensinamentos ministrados nas sinagogas judaicas”.<sup>48</sup> Aos que julgam a insuficiência paulina das Cartas, a abordagem não investe sobre pontos específicos do sistema, mas soa como um ataque pessoal aos hereges como “ímpios e pecadores” (1Tm 1,9), em uma espécie de acusação moral sem a preeminente abordagem teológica paulina.<sup>49</sup>

<sup>45</sup> Cf. PIXLEY, J. *As Epístolas Paulinas: de Cartas Ocasionalis a Sagrada Escritura*, p. 259.

<sup>46</sup> Cf. 1Tm 1,3; Tt 1,5. As viagens missionárias de Paulo de acordo com Atos dos Apóstolos: 1ª) 13,1–14,28; 2ª) 15,36–18,22; 3ª) 18,23–21,14 ou uma quarta se contar sua transferência à Roma em 28,14ss (cf. PEREGO, G. *Atlas Bíblico Interdisciplinar*, p. 95. 97). Conforme os “dados avulsos das Pastorais”: “Paulo teria visitado a Espanha (Rm 15,24.28) e ainda teria trabalhado em Creta (Tt 1,5), Éfeso (1Tm 1,3) de onde visitou talvez Colossos (Flm 22), Hierápolis, Laodicéia e Mileto (2Tm 4,20), e na Macedônia. Em Nicópolis, no Epiro (Tt 3,12), teria escrito Tt e 1Tm. Alguns pensam que Paulo penetrou até na Ilíria (2Tm 4,10), voltando depois por Trôade (2Tm 4,13) para Éfeso (1Tm 3,14). Em todo caso, 2Tm supõe que Paulo foi preso novamente, e está em Roma (2Tm 1,8.16s; 2,9), onde só Lucas ficou com ele (4,10)” (BORN, A. V. D (Org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 1144).

<sup>47</sup> Cf. FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, pp. 216-218; DRANE, J. *Paulo – Um Documento Ilustrado Sobre a Vida e os Escritos de uma Figura Chave*, pp. 119-120. Sobre a geografia das viagens ver o comentário e o compacto itinerário em forma de *quiasmo* de MESTERS, C. *Paulo Apóstolo – Um Trabalhador que Anuncia o Evangelho*, pp. 45-48.

<sup>48</sup> Cf. CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, v. 5, p. 267. Para alguns estudiosos a linguagem teológica utilizada está mais para o segundo século e denota uma estrutura de igreja da segunda ou terceira geração cristã: “The Pastorals are not written by Paul at all, but by some other church leader who lived about fifty years after Paul’s death – As Pastorais não são escritas ao todo por Paulo, mas por algum outro líder da igreja que viveu cinquenta anos depois de Paulo morto” (HANSON, A. T. *The Pastoral Letters*, p. 5). “...reflects the basic problem of the second and third generation. How did the *kerigma* become a ‘deposit’ (παραθήκη)? – refletem o problema básico da segunda e terceira geração. Como fez o *kerigma* um ‘depósito’?” (DIBELIUS, M. CONZELMANN, H. *The Pastoral Epistles*, p. 1).

<sup>49</sup> Cf. DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, pp. 34, 40, 43-44.

d) *O fator documental*: Os documentos mais antigos das Cartas Paulinas, como o papiro de Chester Beatty (P<sup>46</sup>) datado do ano 200, não trazem as Pastorais; Marcião, o primeiro a editar as obras de Paulo, provavelmente em 140, omite as pastorais.<sup>50</sup>

### 2.2.2. Hipóteses a Favor da Autenticidade Paulina

As refutações, resguardadas as devidas nuances, são diametralmente opostas aos dados supracitados.

a) *Quanto ao conteúdo*: A tabulação terminológica que demonstra nas Pastorais uma natureza destoante do parentesco paulino também presta semelhante serviço às certamente genuínas: “A média de tais palavras [novas] por página, na epístola aos Romanos, é de quatro, mas em II Coríntios é de 5,6, em Filipenses é de 6,2, embora apenas 5 em Filemom”.<sup>51</sup> Os dados, então, podem ou não conferir originalidade ao texto das Cartas Pastorais conforme a disposição intelectual de cada pesquisador (!?). Razão para questionar o resultado quantitativo: a análise das estatísticas é contaminada pela predisposição adquirida pela influência dos vocábulos das outras cartas. Esta predisposição acarreta em determinismo matemático: não se encaixando na soma dos vocábulos, não é paulina; deste modo, não se tem um processo científico, mas uma “premonição”, o pesquisador está sumariamente influenciado a negativa:

“Heinrich Julius Holtzmann contou 171 novas palavras. Mas recente debate tem mostrado que o método de argüir contra autenticidade nas bases de estatísticas é inadequado. O valor estatístico das palavras é diminuído desde o início, porque ela ignora o fato que divergências são parcialmente condicionadas pela adoção do material tradicional”.<sup>52</sup>

<sup>50</sup> Cf. FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 216, nota 7; PIXLEY, J. *As Epístolas Paulinas: Cartas Ocasionalis a Sagrada Escritura*, p. 258; DIBELIUS, M. CONZELMANN, H. *The Pastoral Epistles*, p. 2.

<sup>51</sup> CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, v. 5, p. 269.

<sup>52</sup> “Heinrich Julius Holtzmann counts 171 ‘new’ words. But recent debate has shown that the method of arguing against authenticity on the basis of statistics is inadequate. The value of word statistics is diminished from the start, because they ignore the fact that divergences are partially conditioned by adoption of traditional material” (DIBELIUS, M. CONZELMANN, H. *The Pastoral Epistles*, p. 3). Outros autores propõem prudência com a contagem dos *hapax legomena* paulinos, sob o risco de exageradamente atribuir a cada uma das cartas pastorais, e quem sabe outras, um autor diferente (ORCHARD, B. et al. *Verbum Dei: Comentario a la Sagrada Escritura*, tomo 4, p. 329).

b) *Sobre as viagens*: aqueles a favor da autenticidade sustentam que Paulo, libertado em torno de 63, efetuou nova viagem missionária, possivelmente à Espanha (Rm 15,23-24) e, conseqüentemente, as sugeridas nas Cartas Pastorais.<sup>53</sup> Sustentam tal tese baseados em documentos antigos que indicam uma tardia empreitada missionária, como a Carta de *Clemente Romano aos Coríntios* (5,1): “Paulo mostrou o preço reservado à perseverança (...) tornando-se arauto no Oriente e no Ocidente, alcançou a nobre fama de sua fé. Depois de ter ensinado a justiça ao mundo inteiro e alcançado os limites do Ocidente” (ano 96);<sup>54</sup> o Cânon de Muratori (ano 180) também faz alusão a esta última viagem.<sup>55</sup>

c) *Idade e assessoria*: Os favoráveis argumentam que as Pastorais foram escritas por um Paulo em idade avançada e sem o ímpeto da fase missionária pós-conversão, provavelmente com o auxílio de um secretário, efetivando, assim, o conteúdo e o estilo peculiar das Cartas.<sup>56</sup>

d) *O elemento doutrinal* dos ensinamentos de Paulo pode ser abalizado nas Pastorais no conjunto da obra, bastando citar, a título de exemplo, o termo *ekklesia* – “igreja” (ocorre 62 vezes no corpo das Cartas de Paulo): “é o termo mais freqüente usado por Paulo para referir-se aos grupos daqueles que se reúnem em nome de Cristo”.<sup>57</sup> Em Romanos o vocábulo surge cinco vezes (16,1.4-5.16.23);

---

<sup>53</sup> “Após sua libertação, Paulo, encontrando-se em Roma, teve condições de realizar o seu antigo desejo de evangelizar a Espanha (Rm 15,24.28). A tradição afirma (Clemente Romano, Fragmento de Muratori) tal fato, que em si é bem provável. Durante este período Paulo escreveu a *Primeira Carta a Timóteo*, a *Carta a Tito*, e já no cativeiro pela segunda vez e próximo do martírio, a *Segunda Carta a Timóteo*” (GALBIATI, E. R.; ALETTI, A. *Atlas Histórico da Bíblia e do Antigo Oriente*, p. 220; cf. ) “Nenhum relato bíblico nos diz que Paulo foi libertado novamente a fim de ministrar outra vez; mas existem *algumas evidências* que dão essa indicação. É possível que Paulo tenha sido libertado em cerca de 63 D.C., e que tenha visitado a Espanha” (BENTES, J. M.; CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, p.125).

<sup>54</sup> QUINTA, M. (Ed.). *Padres Apostólicos*, p. 27.

<sup>55</sup> Cf. FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, pp. 215, 217-218.

<sup>56</sup> “Paul was old e tired, and had lost his earlier fire and energy. He was probably in prison and in very close confinement in Rome. Scholars have pointed out the difficulties involved in letter writing in ancient times even under the happiest conditions, and have suggested that Paul may have had to rely on the services of a secretary when he wrote the Pastorals. Perhaps the altered style and vocabulary are to be put to the account of the secretary. But letters, such scholars insist, are Paul’s in essence – Paulo estava velho e cansado, e tinha perdido o fogo e a energia dos primeiros tempos. Ele estava provavelmente na prisão e num confinamento muito fechado em Roma. Estudiosos têm apontado, fora às dificuldades envolvidas em escrever cartas em tempos antigos, também sobre as difíceis condições [Paulo se encontra preso], e tem sugerido que Paulo talvez tenha tido que confiar nos serviços de um secretário quando ele escreveu as Pastorais. Talvez o alterado estilo e vocabulário são para colocar na consideração do secretário. Mas as cartas, tal estudiosos insistem, são essencialmente de Paulo” (HANSON, A. T. *The Pastoral Letters*, p. 4).

<sup>57</sup> DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 607.

em Gálatas três vezes (1,2.13.22); em 1Timóteo três vezes (3,5.15; 5,16).<sup>58</sup> Então, quais cartas, baseando-se apenas no vocábulo *ekklesia* tão caro à teologia paulina, são autênticas? Quanto à crítica de que a igreja paulina nas demais cartas goza de liberdade carismática (2Cor 3,17), enquanto as Pastorais a institucionaliza, é um erro de perspectiva unidimensional: a visão carismática em Paulo não deve ser confundida com “indiscriminada liberdade” nas comunidades e isto pode ser conferido em 1Cor 12–14; At 14,23; também não é real afirmar que nas Pastorais o Espírito cede lugar à hierarquia, basta conferir 1Tm 1,18 e 2Tm 1,14.<sup>59</sup> No mais, *a afirmação de uma coisa não é a negação de outra*, afirmar a liberdade dos carismas não significa negar disciplina no uso dos carismas pelas comunidades: “Mas que tudo se faça como convém e em boa ordem” (1Cor 14,40).

e) *Documentação*: quanto à ausência das Pastorais no papiro  $\mathfrak{P}^{46}$ , que a bem da verdade é incompleto, pode ser explicada por sua disposição no final dos códices. O amanuense computou mal o número de folhas ou as últimas se perderam juntamente com o Apocalipse; outros tantos, porém, trazem as três Cartas como parte da coleção paulina.<sup>60</sup> Já Marcião omitiu as Pastorais, segundo Clemente, Tertuliano e Jerônimo, porque contrariavam sua doutrina ascético-gnóstica.<sup>61</sup> Outros documentos antigos que testificam indiretamente a autoria paulina são: Irineu de Lião em *Adversus Haereses* (depois do ano 180), citando 1Tm 1,4: “Alguns, ao

<sup>58</sup> Cf. concordância para “igreja” e “igrejas” em BIBLEWORKS 7.

<sup>59</sup> Cf. DRANE, J. *Paulo – Um Documento Ilustrado Sobre a Vida e os Escritos de uma Figura Chave dos Primórdios do Cristianismo*, p. 121. Sobre a organização eclesiástica questiona-se por que um forjador do II século reproduziu a ordem da igreja do I século como está nas Pastorais. A mesma coerência com a *fé* de outros escritos ditos paulinos está em 1Tm 1,12-17 e pode ser comparado com Gl 5,22; ainda: a “união vital com Cristo (...) figura cento e sessenta e quatro vezes em suas epístolas” e surge de um ou outro modo nove vezes nas Pastorais: 1Tm 1,15; 2,7; 3,13; 2Tm 1,1-9; 2,10; 3,12-15 (cf. CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, v. 5, p. 267).

<sup>60</sup> Cf. FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 216, cf. nota 7. “O Códice Claramontano (D) e o palimpsesto Ephraemi (C), do século V, contém as Pastorais como parte da coleção paulina. Resumindo, podemos dizer que, pelo século IV, com toda segurança as Pastorais foram consideradas parte da coleção das cartas paulinas, e o P<sup>32</sup> sugere que, em alguns círculos, já no final do século II eram assim consideradas” (PIXLEY, J. *As Epístolas Paulinas: Cartas Ocasioneis a Sagrada Escritura*, p. 259).

<sup>61</sup> “Marcion was an unorthodox Christian teacher who lived in Rome about A.D. 140. He mentions the others Pauline letters, but not the Pastorals. But Marcion is not reliable guide, as he did pick and choose among the New Testament Books recognized by orthodox Christians, and he may know the Pastorals but rejected them for doctrinal reasons – Marcião era um mestre cristão heterodoxo que viveu em Roma em 140 d.C.. Ele menciona as outras cartas paulinas, mas não as Pastorais. Mas Marcião não é um guia confiável, ele recolheu e escolheu entre os Livros do Novo Testamento reconhecidos pela ortodoxia cristã, talvez conheceu as Pastorais, mas as tenha rejeitado por razões doutrinárias” (HANSON, A. T. *The Pastoral Letters*, p. 4); sobre a manipulação que Mar-

rejeitar a verdade, apresentam discursos mentirosos e genealogias sem fim, as quais favorecem mais as discussões do que a construção do edifício de Deus que se realiza na fé – no dizer do Apóstolo”;<sup>62</sup> Eusébio de Cesaréia, no séc. IV, confirma a convicção da igreja antiga a favor da autenticidade (cf. *História Eclesiástica*, III, 3,5),<sup>63</sup> entre outros.<sup>64</sup>

f) *Os fragmentos pessoais*: o que se diz ainda a favor da autenticidade das Pastorais é induzido das “personalias”: conjunto de particularidades biográficas espalhadas nos textos também conhecidas por hipótese dos fragmentos.<sup>65</sup> Tais informações, carregadas de pesar, não podem simplesmente ser atribuídas à fértil imaginação de um conto novelesco, tendo em conta a identificação bastante razoável com o histórico paulino, tanto pessoal quanto missionário.

### 2.2.3. Posição desta Dissertação – Sobriedade

Cada autor manifesta sua conclusão sobre o debate da autoria sob uma perspectiva. Exemplos: Fabris e Neyre buscam o meio termo em um tipo de “inspiração paulina” às Cartas;<sup>66</sup> Mazzarolo afirma que “as pastorais são do punho do apóstolo dos gentios”;<sup>67</sup> há os taxativos na inautenticidade paulina, como Vielhauser: “Seja observado antecipadamente que hoje em geral as Pastorais são conside-

---

ção efetuou nas Escrituras cf. também PIXLEY, J. *As Epístolas Paulinas: Cartas Ocasioneis a Sagrada Escritura*, p. 262.

<sup>62</sup> IRINEU DE LIÃO, *Livros I, II, III, IV, V (Adversus Haereses)*, p. 29.

<sup>63</sup> Cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História Eclesiástica*, p. 116.

<sup>64</sup> Para uma lista relativamente maior de documentos cf. BASSLER, J. M. *1 Timothy, 2 Timothy, Titus*, p. 18.

<sup>65</sup> Tt 3,12-15; 2Tm 1,16-18; 4,9-21, por exemplo.

<sup>66</sup> “As cartas pastorais representam, por isso, a interpretação e a releitura do pensamento e do ensinamento de Paulo, tendo em vista situações novas nas das comunidades cristãs. Nesse sentido, pode-se dizer que as três cartas chamadas pastorais são verdadeiramente paulinas, porque na sua origem, como fonte, está a pessoa, a obra missionária e o impulso espiritual de Paulo. Em outros termos, nossos três escritos trazem o selo da autenticidade paulina não no plano histórico-literário, mas no espiritual” (FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 221). De igual modo, Jerome H. Neyre, parece seguir esta posição mais ponderada: “Ainda que Paulo histórico não tenha realmente escrito estas cartas, seu verdadeiro autor pretendia que fossem consideradas relatórios paulinos de acordo com as tradições paulinas. Mencionarei regularmente as muitas semelhanças entre as cartas indiscutivelmente paulinas e essas epístolas pastorais” (in BERGANT, D. KARRIS, J. R. (Org.), *Comentário Bíblico*, v. 3, p. 283).

<sup>67</sup> MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, p. 201. Em um interessante argumento o autor utiliza-se do estado psicológico de Paulo manifestado nas passagens das pastorais – psicologia do convertido, psicologia do ancião, psicologia do prisioneiro – com fatos históricos da vida e da experiência do Apóstolo (cf. *Ibid.*, p. 202). Cf. MAZZAROLO, I. *Paulo de Tarso – Tópicos de Antropologia Bíblica*, p. 161.



radas ‘inautênticas’ inclusive por pesquisadores católicos”.<sup>68</sup> Essas posições coexistem com a intervenção da Pontifícia Comissão Bíblica (órgão não magisterial) que reafirma a tradição católica da autoria paulina.<sup>69</sup>

A postura intelectual desta dissertação a respeito da autoria das Pastorais: é possível e razoável a autoria paulina das Pastorais. Dois raciocínios para prover esta posição de “algum coeficiente de probabilidade”:<sup>70</sup>

1º) *O benefício da dúvida*: Conforme se averiguou, não há consenso pleno entre os exegetas, logo é possível fazer uso do princípio que diz: nas “coisas necessárias reine a unidade, nas duvidosas a liberdade”.<sup>71</sup> Brown oferece quatro opções circundantes ao debate, à guisa de síntese ele diz: 1. as Pastorais são cartas autênticas de Paulo, todas as três escritas entre 65-67; 2. apenas a segunda a Timóteo é genuína do Apóstolo, escrita um pouco antes de seu martírio (64, mais ou menos); 3. todas são pseudepigráficas, porém, a segunda a Timóteo foi redigida por um discípulo próximo que teve acesso a detalhes biográficos um pouco antes de sua morte, as demais foram escritos tardios; 4. todas são pseudônimas escritas no final do século I. Ora, essa pequena avalanche de possibilidades dá crédito ao título deste parágrafo, ademais, eis o campo da opinião: “Embora a maioria dos estudiosos favoreça uma variante de 4, em *minha opinião* 3 responde melhor... [grifo nosso]”.<sup>72</sup> O mesmo autor, em nota, contribui com o benefício da dúvida ao

<sup>68</sup> Na nota 350 ele cita J. Schmid, como exemplo de “pesquisador católico” VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 247.

<sup>69</sup> A Comissão Bíblica interveio na discussão em 12 de junho de 1913 mantendo a tese tradicional da autoria paulina das Pastorais. Essa posição gerou o seguinte comentário: “A intervenção da Pontifícia Comissão Bíblica, compreensível no clima histórico cultural da época, como reação a apodicidade das afirmações contrárias, não tem a pretensão de resolver dogmaticamente uma questão de pesquisa histórica...” (FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 212, nota 3; cf. BASSLER, J. M. *1 Timothy, 2 Timothy, Titus*, p. 21) “el decreto de la Comisión Bíblica (...) trazó una línea, que se há seguido hasta aqui. No vemos la menor razón de abandonarla. Cabe, sin embargo, en los trabajos de pura erudición, utilizar las epístolas pastorales con cierta prudência, ya se trate de definir la teología Del Apóstol o de reconstruir la historia Del cristianismo primitivo – o decreto da Comissão Bíblica traz uma linha, que se tem seguido até aqui. Não vemos a menor razão de abandoná-la. Cabe, no entanto, nos trabalhos de pura erudição, utilizar as epístolas pastorais com certa prudência, quando se trata de definir a teologia do Apóstolo ou de reconstruir a história do cristianismo primitivo” (ROBERT, A.; FEUILLET, A. (Dir.). *Introducción a la Biblia*, tomo segundo, p. 483). Sobre o *status* da Pontifícia Comissão Bíblica ver PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 29.

<sup>70</sup> Cf. BÍBLIA. *Tradução Ecumênica da Bíblia*, 1994, pp. 2318-2319. A introdução da TEB oferece de modo muito linear uma descrição do processo geográfico, histórico e psicológico da autoria paulina das Pastorais.

<sup>71</sup> João XXIII in CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*, 92, provavelmente parafraseando Santo Agostinho.

<sup>72</sup> BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*, pp. 880-881.

argumentar, com certa solidez, em prol da autoria paulina, pelo menos referente à segunda a Timóteo:

“L. T. Johnson (*The Writings of the New Testament*, Philadelphia, Fortress, 1986, p. 382) afirma que se 2Timóteo fosse lida juntamente com as outras cartas do cativo (Filêmon, Colossenses, Efésios) em vez de com Tito e 1Timóteo, sua estranheza seria enormemente amenizada. A diferença no vocabulário e na teologia de 2Timóteo em relação às autênticas paulinas é menor do que em relação a Tito e a 1Timóteo. Embora a atribuição do título ‘Salvador’ a Cristo (2Tm 1,10, encontrada também em Tt 2,13; 3,16, Ef 5,23) seja muito helenística, é também uso genuinamente paulino (Fl 3,20). A teologia de 2Tm 1,9 é também paulina: Deus salvou-nos não em virtude de nossas obras, mas em virtude do propósito divino e da graça que Deus nos concedeu em Cristo Jesus, há muito tempo”.<sup>73</sup>

Alonso Schökel em sua introdução às Cartas Pastorais gira sua explanação em torno dessa dúvida metódica; ele constata que os favoráveis apresentam em defesa da autenticidade apenas “evasivas”, porém, sobre os que negam a autenticidade diz: “Essas razões somadas são muito fortes, mas não conclusivas”.<sup>74</sup> Ora, “se não são conclusivas”, então a questão continua em aberto, apesar das “evasivas”.

As propostas acima constataam que, uma atitude fechada para com as Pastorais – não sendo definitivamente paulinas –, é perigosa e não contundente.<sup>75</sup> Segundo Lagrange este tipo de atitude é caracterizada por escolas do final do século XIX e início do XX, de visão “*einseitig* [unilateral], encarando tudo só por um aspecto”, o do determinismo e desconstrucionismo.<sup>76</sup> O determinismo destas escolas, que fizeram “bons alunos”, pode se tornar constrangedor, pois há, ainda, pesquisas em andamento. É o caso, por exemplo, de Margareth M. Mitchell da Universidade de Chicago que, num artigo de esforço erudito memorável, expõe os estudos de alguns pesquisadores e os próprios, sobre o *Tebtunis Papyrus n.º. 703* –

<sup>73</sup> BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 880, nota 6.

<sup>74</sup> BÍBLIA. *Bíblia do Peregrino*, 2000, p. 608.

<sup>75</sup> Convém adotar prudência diante de afirmações unilaterais em favor desta ou daquela corrente, pois “no campo histórico não existem juízos absolutos, mas somente juízos prováveis, sendo que o grau de probabilidade pode variar de acordo com o assunto” (WEGNER, UWE, *Exegese do Novo Testamento*, p. 18); insistindo neste ponto: “...ninguém está em condição de propor, a propósito da autenticidade ou não das pastorais, uma hipótese que supere os limites da probabilidade – como, de resto, acontece com todas as hipóteses históricas –, é preferível não ancorar dogmaticamente a interpretação em uma ou outra solução, embora escolhendo-se de modo coerente e razoável uma hipótese bem definida” (FABRIS, R., *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 212).

<sup>76</sup> PAULO VI citando M. J. LAGRANGE – *Les sens du Christianisme d’après l’exégèse allemande*, Paris, Gabalda, 1918 – em alocação aos membros da Pontifícia Comissão Bíblica a 14 de março de 1974 (cf. TEXTOS OFICIAIS DA IGREJA. *Como Ler e Entender a Bíblia Hoje*, p. 16).

um papiro grego do terceiro século contendo instruções administrativas –<sup>77</sup> como uma possibilidade de comprovar a autenticidade paulina das Pastorais mediante a comparação literária deste papiro com as Epístolas, sobretudo a Primeira a Timóteo. Tal pesquisa sinaliza para novas ramificações de abordagem sobre a autoria indicando que o debate, longe de estar concluído como afirmam categoricamente alguns, encontra-se ao menos semi-aberto.<sup>78</sup>

2º) *Excesso de dedução literária ou radicalismo dedutivo*: Destaca-se aqui o possível, porém improvável, artifício literário da pseudonímia por ser neste caso excessivamente esdrúxulo, conforme se observa:

“Como aceitar que um cristão, que vive ainda sob o fascínio espiritual da figura de Paulo, tenha coragem de escrever, em nome de Paulo, já morto, um convite tão caloroso a Timóteo para que venha juntar-se a ele antes do inverno, trazendo os livros, os pergaminhos e também o manto que deixara em Trôade, com Carpo? (cf. 2Tm 4,9-13.20).”<sup>79</sup>

É concebível, mesmo com argumento da moral anacrônica, um secretário-discípulo fantasiar, por exemplo, a solidão de Paulo (2Tm 4,9-11), testemunhar a morte eminente (2Tm 4,6) e depois discorrer sobre a fidelidade a Paulo (2Tm

---

Quanto à palavra alemã usada pelo Pe. Lagrange para definir as escolas alemãs de exegese: *einseitig*, quer dizer “unilateral, parcial, desequilibrado”.

<sup>77</sup> “What does a third-century BCE Ptolemaic papyrus have to do with this question of the genre of the so-called Pastoral Epistles, 1 Timothy in particular? This paper will reconstruct the curious career of the Tebtunis Papyrus no. 703 in the 70 years since its publication in 1933, particularly at the hands of New Testament Pauline scholars, where it has recently been heralded by Luke Timothy Johnson as a key piece of evidence constituting ‘the discovery of a literary precedent’ allows one, through solving the question of the genre of 1 Timothy and Titus, to demonstrate that they are authentic letters of the apostle Paul – O que um papiro *BCE Ptolemaic* do terceiro século tem haver com esta questão do gênero das assim chamadas Epístolas Pastorais, em particular 1Timóteo? Este documento reconstruiu a curiosa carreira do Papiro *Tebtunis* n. 703 nos 70 anos desde sua publicação em 1933, particularmente às mãos dos estudiosos do Novo Testamento Paulino, onde recentemente seria anunciado por Luke Timothy Johnson como uma peça chave da evidência constitutiva ‘a descoberta de um precedente literário’ permitindo, por exemplo, direto esclarecimento a questão do gênero de 1Timóteo e Tito, para demonstrar que elas são cartas autênticas do apóstolo Paulo” (MITCHELL, M. M. *PTEBT 703 and The Genre of 1Timothy: The Curious Career of Ptolemaic Papyrus in Pauline Scholarship*, pp. 344-345, onde também se descreve o conteúdo do dito papiro); cf. BASSLER, J. M. *1 Timothy, 2 Timothy, Titus*, p. 22; COTHENET, É. *As Epístolas Pastorais*, p. 14.

<sup>78</sup> É bem verdade que “os desenvolvimentos da crítica não têm trazido apoios à origem paulina das Epístolas Pastorais. Portanto, elas devem ser tratadas com cautela e reservas como fontes da teologia paulina ou como fontes para organização da Igreja durante a vida de Paulo” (MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*, p. 287).

<sup>79</sup> FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 220. Ainda: “...nenhuma razão terrena pode ser apresentada que explique porque Paulo teria escrito meros trechos esparsos, ou que explique a omissão de outras porções e a preservação dessas porções por um forjador do segundo século da era cristã” (CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, p. 269).

1,8)? Há algo falho no silogismo dos que apresentam as Cartas como fruto de pseudonímia: algo de desumano. O excesso de técnica, ou o técnico, relativiza a índole do improvável pseudo-autor.

A crítica literária não é uma ciência exata. A catalogação dos termos e expressões é bem vinda, contudo a dedução a respeito da tabulação não é de precisão matemática, pertence ao mundo da interpretação com as pré-concepções do intérprete que, por motivos vários, pode tropeçar num sistema hiper-crítico.<sup>80</sup> Apenas o excesso de confiança metodológica – absolutista – explica creditar como sendo outra pessoa e não Paulo o manuseio, para não dizer manipulação, da intimidade alheia baseando-se na quantidade de vocábulos das Cartas: “Esse caráter pessoal, quase autobiográfico, além do fato de ser realmente um ‘testamento espiritual’, dificilmente pode ser atribuído à fantasia de uma pessoa, mesmo que estivesse próxima a Paulo.”<sup>81</sup> Curiosamente, o banco de dados literário pode também ser usado a favor da autenticidade paulina das Pastorais, como observado acima.

Aos dispostos a reconhecer o Apóstolo dos gentios como autor das Pastorais, o *benefício da dúvida* e o *radicalismo da dedução*, concedem o mínimo de segurança. É no rastro desta segurança, mesmo que mínima, a dedução: a expressão *ἱερὰ γράμματα* – objeto formal da dissertação – foi cunhada pelo Apóstolo Paulo. É melhor, neste íterim, seguir o conselho dos textos das Pastorais: frente a tantas opiniões – e chegarão mais – o mais prudente é ser sóbrio em tudo (2Tm 4,5) evitando discussões de palavras e fugindo das paixões por esta ou aquela hipótese (2Tm 2,14.22), e, pelo menos por enquanto, permanecer no que se aprendeu e creu desde criança (2Tm 3,14.15), abraçando a posição comum da Igreja para não cair em uma pseudociência (gnose) [*ψευδωνύμου γνώσεως*] (1Tm 6,20).

## 2.3. CRÍTICA LITERÁRIA DA SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

### 2.3.1. Breve Comentário à Primeira Carta a Timóteo

Quanto à data da composição, local e objetivo não existe harmonia plena nos comentários. Os que negam a autoria paulina situam a redação das três Cartas

<sup>80</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Crescer na Leitura da Bíblia*, 92); PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 162.

<sup>81</sup> BORTOLINI, J. *Como Ler a Segunda Carta a Timóteo*, p. 10.

– 1Tm, Tt e 2Tm – entre os anos 70, final do século I e até início do II;<sup>82</sup> porém, é possível, e parece plausível, que foram redigidas da prisão em Roma não muito antes do ano 67 (ano da morte de Paulo), ou seja, sob a orientação teológica e pastoral do Apóstolo.<sup>83</sup> Como seguro é ter sido redigida antes da segunda e seus temas estão mais próximos da carta a Tito.<sup>84</sup> O seu conteúdo é centrado na organização da Igreja: “a primeira *Epístola a Timóteo* é um documento de *consolidação da organização eclesiástica e de estrutura comunitária* nos últimos decênios da idade apostólica”.<sup>85</sup> Porém, a ordem da comunidade corre risco pela desordem interior borrifada por quem “ensina uma outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Tm 6,3).<sup>86</sup> Em meio a essa labuta doutrinária, o líder Timóteo tem de estruturar o povo de Deus, orientando-o na fé em Cristo e ainda se manter firme na sua vocação.

“Por este motivo, eu te exorto a reavivar o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos. Pois Deus não nos deu um espírito de medo, mas um espírito de força, de amor e de sobriedade. Não te envergonhes, pois, de dar testemunho de nosso Senhor” (2Tm 1,6-8).

### 2.3.2. A Segunda Epístola a Timóteo

É quase uma unanimidade entre os comentaristas salientar as diferenças entre a primeira e a segunda Carta a Timóteo. Na primeira pululam listas de deveres, hinos e confissões, cuja semelhança estrutural está mais próxima da Carta a Tito como observado acima; em relativo contraste está a segunda, definitivamente mais

<sup>82</sup> “De fato, não é possível estabelecer uma data exata para a redação desse texto. As opiniões dos estudiosos oscilam entre os anos 70 e 100” (BORTOLINI, J. *Como Ler a Segunda Carta a Timóteo*, p. 9); Läpple: “fase final do primeiro século” (LÄPPLE, A. *Bíblia – Interpretação Atualizada e Catequese*, v. 3, p. 223); evidências no princípio do século segundo (ROBERT, A.; FEUILLET, A. (Dir.). *Introducción a la Biblia*, tomo segundo, p. 483); no final do segundo século as pastorais são citadas regularmente (BASSLER, J. M. *1 Timothy, 2 Timothy, Titus*, p. 21).

<sup>83</sup> “Essas ‘cartas pastorais’ derivam todas do último estágio da vida de São Paulo” (REUSS, J. *A Primeira Epístola a Timóteo*, p. 7); DRANE, J. *Paulo*, p. 122; VAN DEN BORN, A. (Red.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 1133; MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, p. 202; MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*, p. 286; YOUNGBLOOD, R. F. (Ed.). *Dicionário Ilustrado da Bíblia*, p. 1084.

<sup>84</sup> DIBELIUS, M. CONZELMANN, H. fazem uma sinopse comparativa entre 1Tm e Tt acrescentando pontos em comum com a Didaquê (cf. *The Pastoral Epistles*, pp. 5-6).

<sup>85</sup> LÄPPLE, A. *Bíblia – Interpretação Atualizada e Catequese*, v. 3, p. 222; cf. MAZZAROLO, I. *Paulo de Tarso – Tópicos de Antropologia Bíblica*, p. 121.

<sup>86</sup> O tema da organização da Igreja não é o único, mas é o mais quantitativo, ainda se poderia observar que a instrução eclesiástica é entrecortada pela “oposição aos falsos doutores” e suas heresias – 1,3-11; 4,1-5; 6,3-10. 17-19 (cf. KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 504; FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 224).

peçoal:<sup>87</sup> “Na 1Tm e Tt Paulo expõe a ‘organização da Igreja’; em 2Tm ele expõe ‘a si mesmo’”.<sup>88</sup> Não é sem razão a definição da Carta como um *testamento ou exortação Espiritual*: “O estilo do texto é exortativo, e isso lhe confere um ar de discurso de despedida, ou testemunho espiritual”.<sup>89</sup>

### 2.3.3. Plano da Segunda Epístola a Timóteo

Läpple condensa o conteúdo da Carta em uma estrutura de unidades simples, agradável e de bom êxito, no sentido de uma visualização rápida.<sup>90</sup> A partir destas unidades vão se desenvolvendo subunidades com temas e argumentos em linha pastoral, espiritual e pessoal, não com rigor sistêmico e concatenado, mas identificável sob o ponto de vista literário.<sup>91</sup>

- A – SAUDAÇÃO INICIAL (1,1-5)
  - Apresentação e saudação (1,1-2)
  - Recordação da tradição familiar religiosa (1,3-5)
- B – EXORTAÇÃO À FIDELIDADE A JESUS CRISTO E PRONTIDÃO PARA O SACRIFÍCIO NO SERVIÇO ECLESIAL (1,6–2,13)
  - Coragem diante da provação (1,6-14)
  - Notícias de seu encarceramento (1,15-18)
  - Exortação à coragem apostólica e conclusão hino de comunhão (2,1-13)
- C – INSTRUÇÕES PARA ATITUDE ADEQUADA COM OS QUE ENSINAM FALSAS DOCTRINAS (2,14–4,5)
  - Luta contra os falsos mestres (2,14-26)
  - Falsos mestres: sinal dos últimos tempos (3,1-9)
  - Exortação à fidelidade apostólica a exemplo de Paulo (3,10–4,5)

<sup>87</sup> Cf. BERGANT, D. KARRIS, J. R. (Org.), *Comentário Bíblico*, v. 3, p. 291; VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 266-267; COTHENET, É. *As Epístolas Pastorais*, p. 14.

<sup>88</sup> W. Marxsen in KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 504, nota 54.

<sup>89</sup> BORTOLINI, J. *Como Ler a Segunda Carta a Timóteo*, p. 11. “A Timoteo Paolo lascia una specie di testamento spirituale. Esorta il discepolo alla fedeltà nella vocazione, malgrado le difficoltà e le persecuzioni – A Timóteo, Paulo deixa uma espécie de testamento espiritual. Exorta o discípulo a fidelidade na vocação, apesar da dificuldade e da perseguição” (PERROT, D. (Org.). *Un Solo Sacerdote, Molti Ministri – Le Lettere di Paolo a Timoteo e a Tito*, p. 22). Berger confirma a impressão deste gênero expondo os “elementos testamentários em 2Tm: Paulo dirige-se a Timóteo como seu ‘filho’ (1,2) – exortações à fidelidade (1,13s; 3,14) – encorajamento para transmitir a mensagem também a outros (2,2; 2,9s; 4,7s) – pregação sobre falsos mestres (3,1-9.13 e 4,3) – anúncio de morte eminente (4,6)” (BERGER, K. *As Formas Literárias do Novo Testamento*, p. 75); cf. LÄPPLÉ, A. *Bíblia – Interpretação Atualizada e Catequese*, v. 3, p. 223; FABRIS, R. *Para Ler Paulo*, p. 114; FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 226; Bíblia da CNBB, 2001, p. 1556.

<sup>90</sup> LÄPPLÉ, A. *Bíblia – Interpretação Atualizada e Catequese*, v. 3, p. 224. O esquema ainda pode ser enriquecido se as unidades forem entrecortadas por dados de cunho intimista: recordação pessoal sobre Timóteo (1,3-5); informação pessoal sobre Paulo (1,15-18); testemunho pessoal e espiritual (4,6-8); recomendações e recordações pessoais (4,9-18.20-21).

<sup>91</sup> Cf. COTHENET, É. *As Epístolas Pastorais*, p. 9; BORTOLINI, J. *Como Ler a Segunda Carta a Timóteo*, p. 11; VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, pp. 248-249.

D – TESTEMUNHO PESSOAL, COMUNICADOS E CONCLUSÃO DA EPÍSTOLA (4,9-22)  
 Confidências diante da iminência do martírio e sentimento de abandono (4,6-8)  
 Comunicações pessoais, saudações (4,9-21) e bênção final (4,22)

O esquema é formado por quatro blocos literários – A, B, C, D – ,<sup>92</sup> podendo subdividir-se em outras tantas conforme a percepção ou intenção do autor.<sup>93</sup> A unidade de interesse à dissertação é a C – *Instruções para atitude adequada com os que ensinam falsas doutrinas* (2,14–4,5), em razão da localização da perícopé deste trabalho (3,14-17).

---

<sup>92</sup> Estas denominações A, B, C e D são didáticas. Na nossa compreensão facilita a exposição das idéias. Hanson, usa *numerais cardinais* para denominar suas unidades, quatro ao todo; Vielhauer usa *algarismos romanos*, três unidades sem contar o proêmio e a conclusão; Fabris usa *letras do alfabeto* para efeito comparativo entre os temas das três cartas; Bortolini usa *numerais ordinais* para retratar as suas quatro unidades (HANSON, A. T. *The Pastoral Letters*, p. 75; VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, pp. 248-249; FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 224; BORTOLINI, J. *Como Ler a Segunda Carta a Timóteo*, pp. 112-113).

<sup>93</sup> Observações a respeito do plano escolhido: Entre numerosos esquemas para transmitir o elemento da Carta, este é o mais sugestivo pela sua simplicidade: “‘Frustra fit per plura quod fieri potest per pauciora – multiplica-se à toa o que pode ser menos’, que poderíamos traduzir assim: ‘Por que complicar o que se pode simplificar?’ (...) A melhor hipótese é a que explica com maior simplicidade o maior número de dados” (SKA, J. L. *Introdução à Leitura do Pentateuco*, p. 154); parafraseando: uma estrutura mais contida, menos lesionada, pode captar melhor a essência do conjunto da obra ou uma estrutura mais enxuta orienta a leitura e não aprisiona o leitor em categorias pré-determinadas (cf. EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, pp. 10-11.).